

Imagens de uma cultura pública pela prática extensionista: manifestações populares da cidade em fotografias jornalísticas (Ponta Grossa/PR)

Karina Janz Woitowicz¹
Saori Honorato²
Rafael Schoenherr³

Resumo: O presente artigo analisa a produção fotojornalística na área da cultura pública, por meio de imagens produzidas pela equipe extensionista do projeto *Lente Quente* (<https://www.flickr.com/photos/lentequente/>), do curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG/PR). O objetivo central é compreender, a partir de uma análise técnica e interpretativa do acervo do projeto nos anos de 2015 a 2018, e com base no referencial teórico da folkcomunicação, como a cultura se manifesta em Ponta Grossa/PR fora dos equipamentos culturais municipais e quais espaços essas manifestações populares ocupam na cidade, observando as características da produção fotojornalística. Como o projeto *Lente Quente* mantém parceria com o site jornalístico *Cultura Plural* (<https://culturaplural.sites.uepg.br/>) - outra iniciativa extensionista na mesma instituição, que atua junto aos grupos culturais e artistas locais - entende-se que as imagens publicadas contribuem para oferecer uma visão de cultura pública, agregando conteúdo ao site a partir das representações da cidade produzidas pela equipe extensionista. Assim, a análise das produções representa uma forma de aprimorar o tratamento da cobertura cultural da cidade e, consequentemente, a relação com a comunidade atendida.

Palavras chave: jornalismo cultural; fotojornalismo; cultura; extensão universitária; folkcomunicação.

Abstract: The present article intends to analyze the photojournalistic production in the area of the public culture, through images produced by the extension team of the *Lente Quente* project (<https://www.flickr.com/photos/lentequente/>), of the course of Journalism of the Ponta Grossa State University (UEPG/PR). The central objective is to understand, from a technical and interpretative analysis of the project collection in the years 2015 to 2018, and based on the theoretical reference of folkcommunication, how the culture manifests itself in Ponta Grossa/PR outside the municipal cultural equipment and what spaces these popular manifestations occupy in the city, observing the characteristics of photojournalistic production. As the *Lente Quente* project works in partnership with the *Cultura Plural* journalism website (<https://culturaplural.sites.uepg.br/>) - another extension initiative in the same institution, which works with cultural groups and artists - it is understood that the published images contribute to offer a public culture vision, adding content to the site from the representations of the city produced by the extension team. In this way, the analysis of the productions represents a way to improve the treatment of the cultural coverage of the city and, consequently, the relationship with the community served.

Keywords: cultural journalism; photojournalism; culture; university extension; folkcommunication.

¹ Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG/PR).

² Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG/PR).

³ Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG/PR).

INTRODUÇÃO

A extensão universitária apresenta como princípio a inserção em determinada comunidade. Deve, portanto, oferecer aos estudantes não apenas domínio técnico e apropriação de conteúdos básicos de determinada área do conhecimento, mas também compreensão da realidade, o que remete a uma formação humanística e cidadã. Quando se trata da extensão em Jornalismo, considera-se antes de tudo a relevância social de uma iniciativa e o modo como propõe o envolvimento entre a Universidade e a sociedade. Além disso, no que se refere à formação profissional, deve representar espaços de produção e experimentação, introduzindo o contato com a prática e aprofundando possibilidades de criação jornalística.

O Plano Nacional de Extensão Universitária (2012) apresenta o conceito de extensão proposto pelo Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições de Educação Superior Públicas Brasileiras (FORPROEX):

A Extensão Universitária, sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade (PLANO NACIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 2012, p.15).

A integração entre ensino, pesquisa e extensão, bem como o atendimento às demandas sociais, constituem exigências para a ação extensionista. Estes aspectos são considerados nos projetos de extensão que atuam na área da cultura realizados pelo curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa: *Lente Quente*⁴ e *Cultura Plural*⁵. Ambos promovem a aproximação com grupos culturais e artistas locais por meio da cobertura jornalística e da realização de ações que promovem a difusão da cultura na cidade, a partir de perspectivas que fogem à institucionalidade e às estratégias de apelo comercial. Funcionam, ainda, como espaços de experimentação do fazer jornalístico que contribuem para o processo permanente de aprendizagem, envolvendo estudantes de diferentes turmas do curso. A reflexão sobre a experiência realizada por meio da extensão ganha espaço no grupo de pesquisa Jornalismo Cultural e Folkcomunicação⁶, que conta com a participação de professores e

4 Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/lentequente/>

5 Disponível em: <https://culturaplural.sites.uepg.br/>

6 O grupo de pesquisa Jornalismo Cultural e Folkcomunicação, criado em 2010 na Universidade Estadual de Ponta Grossa, desenvolve estudos fundamentados no referencial teórico da folkcomunicação, com enfoque na produção jornalística em cultura. Informações sobre o grupo estão disponíveis no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/3599897752335302>

estudantes da graduação e do mestrado em Jornalismo, que desenvolvem estudos voltados à interface jornalismo e cultura.

Os projetos mencionados buscam atender a uma demanda de informação na área cultural e visibilizar manifestações populares. A cobertura de pautas culturais nos meios de comunicação de Ponta Grossa (PR) apresenta-se limitada diante da inexistência desta editoria em jornais, emissoras de rádio e TV e portais de notícias. Quando acontece, limita-se a uma agenda de eventos em sua maioria pagos, que acontecem no centro da cidade e em ambientes fechados. Neste contexto, surge o anseio de entender como a produção de coberturas culturais ultrapassa os eventos agendados e oferece espaço a manifestações espontâneas que acontecem em outros espaços públicos da cidade. Produções essas organizadas por grupos que com frequência são ignorados pelos veículos de comunicação.

Com a expectativa de encontrar novos olhares para a cultura no município, vemos o projeto extensionista *Lente Quente*, entre outros aspectos, como um espaço de registro da cena cultural de Ponta Grossa, por meio de uma produção fotojornalística que se diferencia dos veículos de comunicação locais. Com atualização diária no Flickr, o projeto publica fotolegendas que representam a diversidade da cultura local, além de realizar produções em audiovisual voltadas às demandas sociais e culturais. Do mesmo modo, o *Cultura Plural*, ainda que mantenha uma cobertura jornalística que considera a agenda oficial do município, busca valorizar ações, personagens e manifestações desconhecidas ou invisibilizadas da cidade. A parceria entre os projetos na cobertura da cena cultural local revela-se na publicação regular de fotos da equipe do *Lente Quente* no site *Cultura Plural*, no espaço “Cultura em fotos”, bem como nas matérias e galerias de imagens que integram o conteúdo do site. Assim, ampliam-se as possibilidades de trocas e experiências entre as equipes, ao mesmo tempo em que o *Lente Quente* contribui para qualificar os conteúdos do *Cultura Plural* ao valorizar a produção de imagens sobre a cidade.

Com base teórica na folkcomunicação, que valoriza as manifestações da cultura popular, o presente texto apresenta resultados de uma análise técnica e interpretativa de fotografias publicadas na internet pelo projeto *Lente Quente* no período de 2015 a 2018. Trata-se de compreender que a atividade extensionista desenvolve potencial para oferecer outros registros sobre a cidade, não captados pela mídia local, tornando visíveis ações, personagens e manifestações culturais espontâneas que compõem o cenário urbano, em um processo de aproximação da atividade jornalística desenvolvida na Universidade com as demandas do campo cultural local e regional.

COBERTURA JORNALÍSTICA E OLHARES SOBRE A CULTURA

Revista Extensão em Foco, nº 18, Jan./ Jun. (2019), p. 32 - 47.

Resultado da precarização das redações dos meios de comunicação, principalmente dos veículos regionais, a cobertura cultural crítica e de qualidade não é tida como uma prática frequente nos jornais impressos ou nos portais em Ponta Grossa (PR). Influenciada por interesses mercadológicos tanto das redações quanto do campo cultural, a cobertura dos acontecimentos culturais, quando acontece, apresenta-se muito ligada ao agendamento de eventos demarcados e pouco explora as ações mais voluntárias e descentralizadas, como traz o pesquisador Francisco de Assis (2008, p. 185):

O que se vê nos veículos, na última década, são textos curtos e que dão destaque a um fato e não a discussões em torno dele. [...] Em cadernos de cultura há grande parcela do espaço destinado exclusivamente para aqueles conteúdos de entretenimento, que não promovem o senso reflexivo do leitor.

Segundo o pesquisador, a desvalorização do jornalismo cultural reflete na precarização das críticas de manifestações culturais: “As críticas culturais nada mais são do que resumos/sinopses de produtos oferecidos no mercado das artes, elaboradas com pouco embasamento para elogiar ou para apontar falhas” (ASSIS, 2008, p. 188).

Acompanhando a tendência nacional de desvalorização de repórteres fotográficos em redações, a cobertura fotojornalística também passa por uma fase de crise que resulta na produção de registros pouco reflexivos e críticos da realidade. Em Ponta Grossa, como em boa parte da mídia regional, vislumbra-se precarização acelerada do segmento da fotografia e também um desinteresse sistemático na cobertura cultural mais noticiosa, informativa e organizada. Logo, abre-se um flanco no que se refere a demandas por informação e registro de iniciativas culturais outras a se conhecer.

Diversos autores criticam essa forma com que a fotografia tem sido tratada pelos veículos de comunicação. O pesquisador francês François Soulages diz que atualmente no fotojornalismo:

as fotos não são mais do que fotos das aparências da comédia social e não têm, pois, nenhum valor de verdade, de crítica ou de questionamento. A fotografia é, então, apenas uma das engrenagens do sistema geral que tem por objetivo o poder e ter, e não algum tipo de saber. (SOULAGES, 2010, p. 36)

Livre de amarras mercadológicas que consolidam a precarização do fotojornalismo e apoiado no caráter experimental de um projeto extensionista, o *Lente Quente* parece seguir o caminho oposto. Com a produção de imagens sendo a meta principal, surge uma outra maneira de ver a cidade e suas manifestações. A ação extensionista responde, em alguma medida, às lacunas informativas do

mercado local do jornalismo – serve como complementação e também pode funcionar como contraponto.

É a partir desta visão mais ampla de cultura que se percebe a pertinência da referência conceitual desenvolvida pela folkcomunicação, teoria criada pelo pernambucano Luiz Beltrão que resume o fenômeno como sendo “o processo de intercâmbio de informações e manifestações de opiniões, ideias e atitudes da massa, através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore” (BELTRÃO, 2001, p. 79). A folkcomunicação é então uma teoria da comunicação originalmente com foco no popular, em grupos marginalizados que não utilizam de meios formais de comunicação.⁷

A análise das manifestações culturais presentes em Ponta Grossa a partir dos registros fotográficos produzidos pelo *Lente Quente* revela aspectos do espaço da cidade por vezes esquecidos e/ou invisibilizados pela prática cotidiana de valorizar o óbvio. Sendo assim, agrega-se a este esforço analítico compreender a cidade de Ponta Grossa. Essa relação entre cultura, comunicação e espaço é também um dos pensamentos de Beltrão (2001, p. 153):

Uma região é o palco em que, por excelência, se definem os diferentes sistemas de comunicação cultural, isto é, do processo humano de intercâmbio de ideias, informações e sentimentos, mediante a utilização de linguagens verbais e não verbais.

Com base na seleção do material empírico da pesquisa, foi realizada a análise da amostra coletada, utilizando como ponto de partida uma adaptação de um método desenvolvido por José Marques de Melo (1998) quando o pesquisador estudava a imagem do carnaval construída pela mídia, a partir da teoria da folkcomunicação. Uma parte do método do pesquisador trabalhava com três eixos temáticos que eram: tradição/ inovação; espaço/tempo; e público/privado. No primeiro eixo temático (tradição/ inovação), se descreve a celebração, a simbologia, e a natureza da festa. No segundo eixo (espaço/tempo), se localiza a manifestação, sua territorialidade. O terceiro e último eixo (público/privado) discute as relações como a ambientação e os atores sociais.

7 Na teoria da folkcomunicação, Beltrão aponta três grupos marginalizados: grupos rurais marginalizados (devido ao isolamento geográfico e baixo nível intelectual); grupos urbanos marginalizados (formado por classes subalternas, desassistidas, sub-informadas e com mínimas condições de acesso); e grupos culturalmente marginalizados (os que contestam aos princípios, à moral ou à estrutura da sociedade vigente). No Brasil, essas minorias são caracterizadas como os “grupos relacionados a questões de gênero, etnia/raça, religiosidade, classe, orientação sexual, entre outros que mantêm vínculos de solidariedade e traços culturais comuns” (GADINI; WOITOWICZ, 2007, p. 62).

As imagens selecionadas a partir do acervo do *Lente Quente* passam por uma fase de classificação entre esses eixos temáticos em um primeiro momento, para em seguida serem discutidas as questões técnicas e de significação dos registros fotográficos que compõem a amostra.

MATERIAIS E MÉTODOS DE ANÁLISE DO FOTOJORNALISMO CULTURAL

A pesquisa utilizou como material empírico o acervo de fotos do projeto *Lente Quente*, desenvolvendo, para tanto, o referencial teórico e metodológico descrito a seguir, que contempla informações sobre o projeto e os critérios de análise utilizados.

Criado em 2010, o projeto de extensão *Lente Quente* é uma iniciativa que consiste na publicação diária de uma fotografia com legenda informativa na plataforma Flickr, entre outras ações voltadas ao registro imagético da cena cultural de Ponta Grossa. O projeto utiliza a fotografia como linguagem principal e empenha um olhar diferenciado nas pautas, estimulando o aprendizado do(a) estudante/fotógrafo(a) que está em processo de formação. As reuniões semanais do projeto são um espaço para discussão de fotojornalismo e de cultura. Surge o desafio nestas reuniões de fazer uma leitura da cultura da cidade, o que merece receber uma cobertura fotográfica. Num rápido acesso ao acervo de oito anos de produção fotográfica do projeto é possível observar o recorrente interesse em fenômenos culturais singulares, retratando o diferente ou, por vezes, o exótico.

Para a seleção das imagens presentes no acervo do *Lente Quente* que se encaixam como amostra para esta pesquisa, foram levadas em conta quatro questões básicas para seleção: o espaço do evento, a gratuidade, os organizadores e a divulgação. O critério de espaço se baseia na ideia de que as manifestações de interesse desta pesquisa são aquelas que acontecem em outros espaços fora dos equipamentos culturais principais previsíveis do município (teatro e outros lugares que historicamente são conhecidos por serem espaços da cultura). O segundo critério é o acesso da população às manifestações culturais, fugindo da ideia de cultura restritiva que cria barreiras para o acesso igualitário de diferentes públicos, através de cobranças de entrada. O terceiro critério é o da organização dessas manifestações culturais – ou seja, os agentes culturais envolvidos. Nesta pesquisa direcionamos o olhar para os outros fomentadores de cultura da cidade, entidades independentes e não governamentais. O quarto e último critério é o de divulgação, que parte do pressuposto da ausência da cobertura da manifestação nos meios de comunicação comerciais, sendo a plataforma do *Lente Quente* o meio responsável pela divulgação de tal manifestação.

É necessário ressaltar que devido à variedade de eventos que acontecem na cidade, alguns registros não se encaixam totalmente nesses quatro critérios, mas mesmo assim, algo em sua

composição, o olhar que o fotógrafo empenha sobre o objeto retratado, se encaixa no conceito folkcomunicação que esta pesquisa propõe e, por isso, também compõe o corpo da amostra.

Para o desenvolvimento desta avaliação, surge a necessidade de entender como funciona o processo de análise das imagens. Segundo Iluska Coutinho (2011), a análise de imagens é utilizada em três grandes grupos de estudos. O primeiro utiliza a imagem como documento, o segundo propõe a análise desta como narrativa, e o terceiro, inspirado por Martín-Barbero e German Rey (2001), defende a necessidade de praticar ‘exercícios do ver’.

O primeiro grupo, com um caráter mais etnográfico, defende a imagem como um documento comprobatório. Basicamente entende a fotografia como um registro de uma determinada realidade, uma prova isenta de que algo aconteceu. Apesar da imagem ser também um documento válido para a história, muitos teóricos da fotografia, como Roland Barthes (2015), defendem o caráter de (re)construção não objetiva presente em toda fotografia. A fotografia representa um recorte da sociedade ou de um fato, situação, e portanto pressupõe várias escolhas realizadas quando o fotógrafo decide enquadrar uma coisa em detrimento de outra, ou seja, a escolha pressupõe uma carga cultural inerente ao fotógrafo, não isenta de opiniões na produção. A fotografia então se constitui não na realidade objetiva, mas em uma forma de olhar, registrada pela ação humana em associação a processos técnicos.

Os pesquisadores Jesus Martín-Barbero e German Rey (2001) entendem a fotografia como linguagem e não mero elemento ilustrativo e apontam a necessidade do exercício do ver, em que seria fundamental realizar reflexões sobre a imagem ainda que tendo em conta o esvaziamento de sentido sofrido com a submissão destas à lógica da mercadoria.

Para analisar uma imagem é preciso estabelecer um percurso que envolve três etapas. São elas: a leitura, a interpretação e a síntese. Pode-se apontar aspectos básicos para a análise inicial de um registro fotográfico como o enquadramento, a perspectiva, a relação fundo/figura, a composição da imagem, a utilização da luz e cores, a relação entre os objetos representados e a função da mensagem visual.

Nesta perspectiva, para organizar a análise, a dividimos em dois momentos: a análise técnica da imagem (como ela foi produzida) e em seguida uma análise da significação desta imagem (o que ela quer transmitir) (DUARTE; BARROS, 2011). A seguir, apresentamos um quadro geral dos resultados, sistematizados com base nas categorias definidas ao longo do processo de investigação, e um detalhamento da análise a partir de sete fotografias que foram selecionadas para representar o debate proposto sobre cultura pública.

RESULTADOS: MANIFESTAÇÕES POPULARES EM IMAGENS

Para a coleta do material de amostra foram analisadas as produções dos anos de 2015 a 2017 e metade do ano de 2018. As fotos de 2018 correspondem até o dia 12 de agosto, quando a coleta do material foi finalizada. No primeiro eixo temático tradição/inação foram estabelecidas quatro classificações a partir da amostra coletada: manifestação reivindicatória, tradição religiosa, manifestação artística e ação beneficente. Essas quatro classificações se desdobram internamente segundo a especificidade de cada manifestação. Dentro das tradições religiosas, por exemplo, estão presentes as imagens de manifestações como a Festa do Divino e a Malhação de Judas, assim como eventos que atraem maior público como Corpus Chirsti. No segmento de manifestações reivindicatórias estão protestos de movimentos sociais que reivindicam questões que estão no âmbito do capital/trabalho e das lutas relacionadas à identidade individual de um grupo social específico, que parte da defesa de direitos humanos, políticos e sociais através de manifestações no espaço público. As manifestações artísticas englobam as imagens que retratam a produção de arte como desenho, música e dança fora dos equipamentos culturais.

A classificação da amostra no segundo eixo, espaço/tempo, localiza as manifestações no ambiente da cidade, dividido em dois segmentos: centro e bairro. As regiões da cidade encontradas nas coberturas que estão classificadas como bairros são áreas como Olarias, Uvaranas, Ouro Verde, Palmeirinha, Oficinas, Vila Cristina, etc. No centro o cenário mais recorrente é a Avenida Vicente Machado, principal rota das manifestações reivindicatórias, assim como eventuais manifestações religiosas. A relação da amostra recolhida por ano e sua classificação por eixos é especificada na Tabela 1 a seguir:

Tabela 1: Categorias de análise e resultados gerais da pesquisa (2015-2018)

2015		2016	
TRADIÇÃO/INOVAÇÃO		TRADIÇÃO/INOVAÇÃO	
manifestação reivindicatória	1	manifestação reivindicatória	7
tradições religiosas	1	tradições religiosas	1
manifestação artística	8	manifestação artística	2
ação beneficente	0	ação beneficente	1
ESPAÇO/TEMPO		ESPAÇO/TEMPO	

Centro	8	Centro	8
Bairro	2	Bairro	3
PÚBLICO/PRIVADO		PÚBLICO/PRIVADO	
Público	10	Público	11
Privado	0	Privado	0
TOTAL: 10		TOTAL: 11	
2017		2018 (até agosto)	
TRADIÇÃO/INOVAÇÃO		TRADIÇÃO/INOVAÇÃO	
manifestação reivindicatória	8	manifestação reivindicatória	10
tradições religiosas	7	tradições religiosas	4
manifestação artística	5	manifestação artística	5
ação beneficente	2	ação beneficente	0
ESPAÇO/TEMPO		ESPAÇO/TEMPO	
Centro	12	Centro	16
Bairro	9	Bairro	3
PÚBLICO/PRIVADO		PÚBLICO/PRIVADO	
Público	21	Público	18
Privado	1	Privado	1
TOTAL: 22		TOTAL: 19	

Fonte: Os autores, 2018

Após a classificação da amostra nesses eixos, cada imagem passa a ser analisada em duas perspectivas: análise técnica e análise interpretativa. A análise técnica não será aprofundada neste momento uma vez que traz apontamentos específicos sobre a qualidade técnica das imagens, o que

Revista Extensão em Foco, nº 18, Jan./ Jun. (2019), p. 32 - 47.

não é a discussão proposta no momento. Vale ressaltar, entretanto, que a qualidade estética das fotografias varia em produções bem executadas e outras com algumas falhas, algo normal no processo de formação de jornalista/fotógrafo(a) dos(as) participantes do projeto, que evoluem paulatinamente no decorrer de sua trajetória extensionista. Focamos aqui na análise interpretativa, que faz emergir discussões que ultrapassam a estética e revelam contradições da produção cultural no espaço público da cidade.

Com o passar dos anos, as pautas predominantes mudam, determinadas coberturas diminuem enquanto outras ficam mais frequentes por diversos motivos, como o interesse próprio dos(as) fotógrafos(as), as demandas da comunidade externa ou devido ao cenário político e social do momento. Essa afirmação fica explícita quando olhados os resultados da classificação em eixos da amostra recolhida que nos leva a elaborar uma série de reflexões.

Em um primeiro momento observamos um aumento significativo da quantidade de fotos que compõem a amostra no decorrer dos anos. Em 2015 foram encontrados 10 registros de manifestações culturais espontâneas na cidade. Já em 2017 o número dobra para um total de 22 fotos. Os 19 registros recolhidos de 2018 demonstram um avanço deste tipo de cobertura cultural da cidade pelo projeto *Lente Quente*, uma vez que as produções deste período ainda seguem sendo produzidas. Nota-se então um anseio pela cobertura mais exploratória das expressões culturais que fogem do óbvio, com base nos critérios de análise já destacados anteriormente.

Na amostra de 2015 notamos a predominância de manifestações artísticas com um total de 8 registros. Na classificação de manifestações reivindicatórias deste ano, encontramos apenas uma. Em seguida, no ano de 2016, vemos o movimento contrário. Enquanto apenas 2 fotos são classificadas como manifestações artísticas, encontramos 7 registros de manifestações reivindicatórias. Esse dado é compreensível quando olhamos para o cenário político conturbado que o país enfrentava naquele ano quando houve o impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff e os movimentos favoráveis e contrários foram às ruas se manifestar. Esse movimento também aconteceu em Ponta Grossa, como comprovam os registros do *Lente Quente* referentes a esse ano que vemos abaixo:

Figura 1:

“Agressão na manifestação de Ponta Grossa”

Figura 2:

“O meu pensamento tem a cor de seu vestido”



Foto: Renan Sedorko



Foto: Saori Honorato

O ano de 2017 encontra-se mais equilibrado em relação aos movimentos reivindicatórios e artísticos. Um destaque desse recorte é o aumento significativo dos registros de tradições religiosas. Além da cobertura das celebrações anuais como Festa do Divino e Corpus Christi, o projeto fez cobertura da tradicional Malhação de Judas, como exemplificamos a seguir:

Figura 3: “Quem perdoa é Deus”.

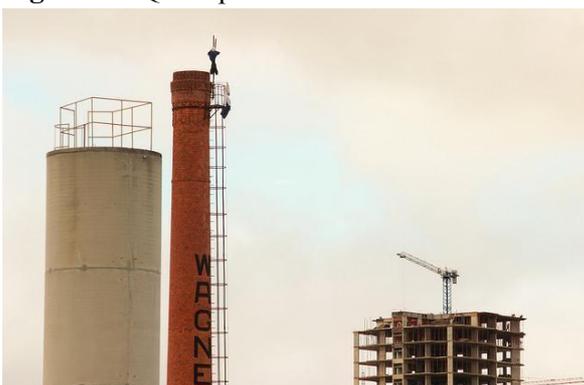


Foto: Douglas Kahl

Figura 4: “Malhação de Judas”



Foto: Thaiz Rubik

A imagem “Quem perdoa é Deus” (figura 3) está classificada no eixo de tradição/ inovação como uma tradição religiosa e faz parte de uma série de três imagens produzidas pelo projeto *Lente Quente* em 2017 que retrata a tradição de malhação de Judas Iscariotes, personagem bíblico que foi um dos doze apóstolos, que segundo a bíblia traiu Jesus Cristo entregando-o aos soldados em troca de 30 moedas de prata. No eixo espaço/tempo a imagem é localizada em bairros, mais especificamente em Olarias.

A imagem tem como objetivo localizar a cidade e relacioná-la com o objeto tratado (o boneco de Judas), e para isso o fotógrafo faz um plano aberto para dar ao quadro todo o cenário da cidade. A

imagem apresenta um dos pontos mais marcantes de Ponta Grossa, a chaminé que um dia foi parte das indústrias Wagner. A fotografia mostra essa estrutura tombada como patrimônio histórico da cidade de Ponta Grossa com um boneco de Judas pregado no topo da torre. Inteiramente focada e carregada por um leve amarelado, no último plano da foto há um prédio em construção. A foto harmoniza o objeto símbolo de uma manifestação religiosa com um ponto simbólico da cidade, ambos carregados com histórias que lhes são próprias, mas que se relacionam devido ao olhar fotográfico. O prédio em construção no último plano da imagem contrapõe com os históricos marcos presentes no primeiro plano, e revela os contrastes de novo/velho e tradição/inação.

Seguindo as fotografias que retratam a Tradição de Judas, a imagem “Malhação de Judas” (figura 4) apresenta um empenho artístico na produção desse registro que permite um olhar mais interpretativo ao objeto retratado. O boneco de Judas pegando fogo lembra o coração flamejante que é constantemente usado para ilustrar a imagem divina de Jesus Cristo. Nessa imagem, mais crua e realista, o que é pecado e o que é divino se confunde nessa tradicional manifestação católica. As luzes e sombras da imagem, produzida numa madrugada, somadas ao cenário de terreno abandonado da região de São Marcos em Uvaranas, ajudam a dar esse tom enigmático à imagem, o que demonstra um esforço artístico e técnico da fotógrafa em dar uma nova visão a essa tradição.

Foi possível observar, na análise, que existe no projeto uma tentativa de empregar um olhar diferenciado a pautas organizadas pela Prefeitura Municipal, a fim de revelar aspectos mais sutis e críticos de eventos como a Feira do Livro (figura 5) e o Festival Nacional de Teatro (figura 6).

Figura 5: “Estação literatura”



Figura 6: “A fantasia do Fenata foi, a realidade das ruas fica”



No registro “Estação literatura” (figura 5) do ano de 2017, o fotógrafo se posiciona distante do objeto retratado. A distância nesse caso funciona ao seu favor e o permite capturar os contrastes entre os personagens retratados e quais espaços eles ocupam. A foto na vertical direciona o olhar, que começa na parte inferior da imagem com a presença dos personagens, até a parte superior, que localiza o espaço, neste caso, a Estação Arte no centro da cidade. A Feira do Livro é um evento organizado pela Prefeitura em parceria com editoras e lojas de livros. Enquanto crianças de uma escola se amontoam na entrada do local, um senhor senta do lado de fora da entrada, em direção à rua, cabisbaixo. Será que esse personagem está de fora apenas deste espaço físico onde o evento acontece ou será que ele também está de fora da sociedade do consumo, que comercializa os produtos e os espaços do saber? O enquadramento que o fotógrafo empenha em sua cobertura ao se posicionar em um determinado lugar e na escolha de quais elementos usar para compor o quadro, suscita uma série de interpretações sobre o evento. Essa cobertura revela as interpretações que a fotografia permite fazer, ultrapassando um mero registro de um evento organizado pela Prefeitura e abre um debate de representação e acesso à cultura que revela que nem tudo que parece ser público, de fato o é.

Uma tradição de Ponta Grossa é o Festival Nacional de Teatro (FENATA) que anualmente traz uma série de apresentações teatrais que em sua maioria acontece em lugares fechados. Algumas apresentações, entretanto, tem a praça como palco. Na cobertura do Fenata de 2015 (figura 6), em vez de fotografar os atores da peça que, vestidos de moradores de rua, pretendiam interpretar aquela realidade, o fotógrafo decide fotografar os moradores de rua de verdade, que na praça veem sua casa e no lixo o seu sustento. A inversão de papéis proposta pelo olhar sensível do fotógrafo em retratar o que de real há na rua, sem script, figurino ou maquiagem, traz através da fotografia uma série de contradições, demonstrada na legenda que acompanha a imagem: “A praça Barão do Rio Branco foi o palco da última peça de rua que passou por PG, durante o FENATA 2015. O que não passa é a desigualdade vista nas ruas. O ator e sua arte vão e levam todos os aplausos que o catador e seu lixo jamais terão”.

Quando abordamos a relação de público/privado é necessário empenhar um olhar às contradições impostas nessas expressões culturais. Nem tudo que à priori é público acolhe igualmente todas as pessoas, independente de suas condições sociais, econômicas e culturais. Para explicar esse pensamento, discutiremos a seguinte imagem:

Figura 7: “Batalha interrompida”.



Foto: João Guilherme de Castro

A fotografia “Batalha interrompida” (figura 7) do ano de 2018, flagra uma realidade recorrente da cidade de Ponta Grossa: a discriminação por determinadas expressões culturais em lugares públicos. Tornou-se uma tradição todo sábado à noite a batalha de rimas no Parque Ambiental, um dos pontos mais conhecidos da cidade, localizado ao lado do Terminal Central. As batalhas reúnem inúmeros jovens que vêm de várias partes da cidade para o centro expressar a cultura do rap e do hip-hop. Essa prática é impregnada por preconceito da população mais conservadora e, como demonstra a imagem, parece incomodar a também a Guarda Municipal, que sem motivo algum, interrompe a batalha como forma de impedir aquela manifestação cultural de acontecer.

O levantamento e a análise das imagens contribuem para a reflexão sobre o trabalho desenvolvido a partir da extensão, de modo a planejar e expandir a produção de pautas culturais. Desse modo, registra-se o processo de aprimoramento do ensino e da produção laboratorial em Jornalismo, ao mesmo tempo em que o projeto oferece possibilidades de registro e visibilidade das manifestações culturais locais, em sintonia com os princípios da extensão universitária.

CONCLUSÃO

Uma avaliação quantitativa que classifica as imagens em eixos fechados se apresentou como um desafio, uma vez que a análise qualitativa da amostra revela que as fotografias se encaixam em múltiplas classificações. Este percurso demonstra uma tentativa de organizar a amostra, mas também propõe um espaço para a interpretação que cada autor(a) apresenta sobre os registros.

Como resultado desta análise, é possível constatar que existe um movimento de cultura pública na cidade que ultrapassa os equipamentos culturais. Identificamos também que o acesso aos espaços de cultura supera barreiras físicas, assim como a ideia do que é público e o que é privado se mistura em meio às expressões culturais no espaço urbano. Concluimos que no projeto *Lente Quente*, de 2015 até 2018, surge um aumento do anseio em retratar outras formas de cultura que acontecem na cidade e que ultrapassam a lógica tradicional de se pensar essas manifestações.

O esforço de análise dos registros produzidos pelo projeto revela um cenário de cultura pública de Ponta Grossa, com manifestações que, seja pelos espaços que estão inseridas ou pelos personagens que dela participam, revelam uma nova visão da cultura na cidade, que merece ser mais discutida e representada. Dentro dos limites de uma ação extensionista, este sem sido um desafio do *Lente Quente*, com reflexos para o campo cultural local e para a formação de estudantes.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Francisco de. Jornalismo cultural brasileiro: aspectos e tendências. Curitiba: **Revista de Estudos da Comunicação**, v. 9, n. 20, p. 183-192, set./dez. 2008. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/estudosdecomunicacao/article/view/16586>. Acesso em: 08/10/2018.
- BARTHES, Roland. **A câmara clara**: notas sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- _____. **Folkcomunicação**: teoria e metodologia. São Bernardo do Campo: UESP, 2004.
- DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2011.
- FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO SUPERIOR PÚBLICAS BRASILEIRAS. **Política Nacional de Extensão Universitária** (FORPROEX, 2012).
- GADINI, Sérgio Luiz; WOITOWICZ, Karina Janz. **Noções básicas de folkcomunicação**. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2007.
- MARQUES DE MELO, José; KUNSCH, W. L. **De Belém a Bagé**: imagens midiáticas do Natal Brasileiro. São Paulo: Unesco/Umesp, 1998.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús; REY, German. **Os exercícios do ver**: hegemonia audiovisual e ficção televisiva. São Paulo: Senac, 2001.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Plano Nacional de Extensão Universitária (2011-2020).**

Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7116-pl-pne-2011-2020&Itemid=30192. Acesso em 23 de set. de 2018.

SOULAGES, François. **Estética da fotografia: perda e permanência.** São Paulo: Editora Senac, 2010.